

aplicação em serviços internos. No decênio que termina em 1880, a diferença (34,3 — 16,7) é de 17,6. Parece que vamos dispor de mais recursos para aplicação no país. É uma passageira ilusão: no decênio que termina em 1890 sobra-nos, de um saldo de 30,9 milhões de cruzeiros obtidos no balanço de mercadorias, apenas 400 mil cruzeiros, pois o serviço da dívida externa absorveria 30,5 milhões. No último decênio do século, a situação era um pouco melhor: do saldo de 67,2 milhões de cruzeiros no balanço de mercadorias destinávamos ao serviço da dívida externa 57,3 milhões e nos sobravam, portanto, 9,9 milhões para aplicar em necessidades internas e também externas. Isto significa, em suma, que, no decênio 1881-90, o serviço da dívida externa absorveu 99% dos recursos hauridos com a exportação, isto é, o seu saldo, deduzida a importação, e no decênio seguinte absorveu 85%. Assim, o esforço para conseguir saldos na balança de mercadorias destinava-se a ser empregado no serviço da dívida externa, mas era restituído ao exterior.⁸⁸

Numa economia exportadora, isto é, cuja expansão depende essencialmente da colocação no exterior de seus produtos, colocação que permite maiores ou menores possibilidades de compra — e da compra no exterior vive o país e se vai aparelhando — o mecanismo cambial tem função importante. Os efeitos das crises cíclicas do capitalismo serão enfrentados, internamente, no Brasil, por aquele mecanismo, que permite sua transferência às classes menos favorecidas. É interessante, por isso mesmo, constatar como, numa fase ascensional da economia brasileira, de saldos na balança do comércio exterior, o câmbio se tenha elevado sempre, isto é, que tenhamos pago sempre mais pela moeda estrangeira. Tal ascensão foi progressiva e lenta, até 1890: pagávamos 6,23 mil réis por libra, em média, no decênio 1821-30; 10,92 no decênio 1881-90, o que corresponde a uma alta de 75%; no último decênio do século, pagávamos 23,78 mil réis pela libra, em aumento da ordem de 282%, em relação ao decênio 1821-30. Em nove anos apenas, o aumento foi de 271%, assinalando a gravidade de nossos prejuízos comerciais e a acentuada perda de substância da economia brasileira. A desvalorização de nossa moeda provocava correspondente elevação na dívida externa e do seu serviço em moeda nacional, contribuindo para agravar o ônus que pesava sobre o país e para “socializá-lo”. Como havia um desequilíbrio externo constante, havia, tam-

■ Néelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 262.